



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2052 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

NOS/DOS/COM COTIDIANOS DA ALFABETIZAÇÃO DE NATIVOS DIGITAIS ? UM OLHAR NA PERSPECTIVA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

Julio César da Silva de Alvarenga - UNIUBE - Universidade de Uberaba

NOS/DOS/COM COTIDIANOS DA ALFABETIZAÇÃO DE NATIVOS DIGITAIS – UM OLHAR NA PERSPECTIVA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

Resumo: O artigo vem afirmar as inúmeras possibilidades de afetar a cognição a partir das ferramentas tecnológicas digitais como facilitadoras da aquisição da escrita significativa, considerando o contexto em que se inserem os nativos digitais. Utiliza-se como fundamentação teórica os estudos de Prensky sobre os nativos digitais, de Ferreiro sobre a alfabetização autônoma e significativa, e uma pesquisa-ação de um caso de sucesso do uso das ferramentas tecnológicas na alfabetização. Este trabalho traz uma nova perspectiva de aquisição da escrita que exige do professor imigrante digital a inserção e adaptação da sua prática docente no cotidiano do aluno.

Palavras-chave: Alfabetização, Nativos Digitais, Cotidiano.

NOS/DOS/COM COTIDIANOS DA ALFABETIZAÇÃO DE NATIVOS DIGITAIS – UM OLHAR NA PERSPECTIVA DA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

Resumo: O artigo vem afirmar as inúmeras possibilidades de afetar a cognição a partir das ferramentas tecnológicas digitais como facilitadoras da aquisição da escrita significativa, considerando o contexto em que se inserem os nativos digitais. Utiliza-se como fundamentação teórica os estudos de Prensky sobre os nativos digitais, de Ferreiro sobre a alfabetização autônoma e significativa, e uma pesquisa-ação de um caso de sucesso do uso das ferramentas tecnológicas na alfabetização. Este trabalho traz uma nova perspectiva de aquisição da escrita que exige do professor imigrante digital a inserção e adaptação da sua prática docente no cotidiano do aluno.

Palavras-chave: Alfabetização, Nativos Digitais, Cotidiano.

O COTIDIANOS DOS/DAS IMIGRANTES DIGITAIS E NATIVOS DIGITAIS

Objetivando tornar claro o nosso enfoque ao pesquisar tal tema e a forma como efetivamente desenvolvemos este trabalho, nos remetemos a Ferrazo et al (2008):

Um primeiro aspecto que tenho tentado assegurar no desenvolvimento de minhas pesquisas se coloca na própria *condição* de vida vivida em redes no cotidiano. Logo, no lugar de um sistema formal *ea priori* de categorias e estruturas

de análise, tenho me dedicado a estudar o cotidiano em meio às *redes de fazeressaberes* que são tecidas pelos sujeitos praticantes em suas *narrativas, usos, negociações, traduções e mímicas*. Isso implica no fato de o pesquisador, sempre que possível vivenciar com os sujeitos das escolas esses processos, buscando muito mais *produzir* do que coletar dados.

E esse foi nosso objetivo, durante a pesquisa, para assim tornar evidente que o objetivo maior enredou-se em estudar o cotidiano dos nativos digitais para fortalecer o processo de produção de um conhecimento não só nosso, enquanto pesquisadores, mais também dos nativos digitais, foco da pesquisa.

O surgimento do ciberespaço, levou ao desenvolvimento de um novo modelo de cultura, a cibercultura, relacionado com conexões que trazem muitas questões para o campo educacional, o qual se vê com a incumbência de analisar os efeitos produzidos pela inserção cada vez maior das tecnologias digitais nos cotidianos, aqui, para maior aprofundamento na ideia do conceito de cotidiano, tomamos por base (FERRAÇO, 2007).

Portanto com todos os avanços e remodelagens da língua falada e escrita, chegamos a um momento em que, inovar no processo de alfabetização proporciona nos alunos a aproximação com novos saberes, a possibilidade de serem parte de redes de conhecimentos, e cabe ao professor fazer acontecer nas salas de aula essa relação de novos encontros e possibilidades, Moran (2009).

Surge neste cenário, uma nova característica de aluno, os nativos digitais, que recebem tal denominação a partir dos estudos desenvolvidos por Presnky (2001, p.03). O autor em seus estudos aponta como nativos digitais, aqueles que já nasceram com contato com as tecnologias mais avançadas como o computador, a internet, os games, etc. Juntamente com o termo *nativo digital*, surge então o termo imigrante digital, que refere-se às pessoas que saíram de uma era analógica e começaram a introduzir em seu cotidiano os instrumentos digitais, em algum momento de suas vidas.

Diante das promissoras inovações e inserção digital e virtual, a qualidade dessas inovações dependem das técnicas de acesso e da leitura que será feita dessa situação inventiva. A busca do conhecimento, aliada a inovação, agregadas a um processo de *ensinoaprendizagem* associadas a avaliação e um processo alfabetizador dinâmico, são promissores.

ALFABETIZANDO NATIVOS DIGITAIS

A alfabetização para ser significativa necessita socializar o conhecimento adquirido com a vivência do educando. Quando a vivência do educando não é considerada, a formação e o conhecimento tornam-se fragmentados, destituídos de sentido e insuficientes para a realização das práticas sociais.

Cagliari (2009, p. 17) afirma que:

Uma criança que entra para a escola pela primeira vez aos 7 anos já trilhou um longo caminho linguístico, já provou num dia a dia um conhecimento e uma habilidade linguística muito desenvolvidos. É preciso salientar ainda que aos 7 anos uma criança pode ter mostrado sua capacidade intelectual para aprender e fazer também outras coisas, não relacionadas a linguagem.

Os professores imigrantes digitais devem atualizar-se, não ter receio das máquinas e das tecnologias atuais, aprender sobre elas e saber utilizá-las para que não estejam tão distantes dos alunos. Consoante Ferreiro (2001, p. 123), para o professor “é indispensável que continuem tendo vontade de aprender e curiosidade por saber de que maneira as coisas acontecem em sua sala de aula, que se anime em experimentar coisas sem ter os estereótipos como referência.”

O CASO DE GABRIEL

Esta etapa da pesquisa foi desenvolvida por meio de uma intervenção em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de Guarapari-ES. A observação/intervenção neste caso ocorreu por cinco meses numa frequência de duas aulas semanais, sendo uma em sala de aula regular, e outra em laboratório educativo de informática. O grupo observado constitui-se de 28 alunos, sendo 15 do sexo feminino e 13 do sexo masculino.

A professora regente de classe inquietava-se pelo fato que um de seus alunos de nove anos de idade, identificado neste estudo como Gabriel, não escrevia e não lia, sendo já no segundo semestre do ano letivo, limitando-se apenas à identificação de poucas letras do alfabeto incluindo a letra do seu nome. Verificou-se que o aluno encontrava-se ainda na hipótese pré-silábica de escrita, sendo seu progresso era lento e quase imperceptível.

A intervenção realizada neste caso teve início a partir de uma sequência didática sobre germinação. A turma assistiu ao vídeo, João e o Pé de Feijão, com o uso do projetor. Após o vídeo incentivou-se uma interpretação oral do texto na qual Gabriel se destacou. Percebendo o interesse de Gabriel pelas mídias, foi indicada ao aluno a tarefa de fotógrafo dos

feijões mágicos. Foi então disponibilizada uma câmera fotográfica digital para que o aluno pudesse registrar por meio de imagens o crescimento diário dos feijões plantados em algodão. Dias depois, o aluno foi ao laboratório para montar com o auxílio da pesquisadora *slides* para ilustrar as fases de germinação do feijão. Mesmo não identificando todas as letras, o aluno dominou em poucos minutos o programa de apresentações eletrônicas utilizado. O objetivo com a apresentação eletrônica era o de desenvolver apenas a parte visual para que o grupo inteiro pudesse perceber como seus feijões mágicos cresceram.

Houve um momento em que Gabriel questionou:

- Devemos escrever Feijões mágicos do 2º ano no primeiro *slide*?

- Claro! e como se escreve feijão?

- Eu não sei.

- Sabe sim! Me diz qual a primeira letra de Feijão?

- eu não sei.

- A primeira letra de feijão é a letra F, procure a letra F no teclado.

- Eu não sei qual é a letra F, é F de que?

- F de *Facebook*.

- Ahh! Tia, você tem *Facebook*? (e digitou a letra F).

Tal cena descrita desperta para o que Paulo Freire defende sobre valorizar a experiência existencial dos educandos, (2005, p. 65), num outro contexto histórico-cultural, porém ainda usual.

Após três meses de escrita digitada no computador, interpretação de textos visuais, Gabriel já podia dominar as ferramentas de diversos programas. Este aluno avançou, neste período, do nível pré-silábico para o silábico, já identificando ao final todas as letras do alfabeto. Em sala sua apatia já não era mais presente e demonstrava interesse pelas atividades.

Hildreth (*apud* FERREIRO, 2001, p. 23) destaca a importância dos aspectos figurativos da escrita enfocando a coordenação motora (...). Gabriel iniciou também a escrever melhor com lápis e papel, tendo maior domínio de espaço e da coordenação motora provavelmente reforçada pela utilização do mouse no laboratório. Destaca-se assim também a importância do uso do papel, do caderno, da escrita manuscrita, já que este tipo de escrita é a utilizada em provas oficiais e em grande parte da vida do aluno dentro das escolas. Os recursos tecnológicos não podem substituir os recursos analógicos, mas sim complementares habilidades. Acredita-se que neste caso a utilização do mouse contribuiu também para a escrita manuscrita de Gabriel.

Numa outra situação de intervenção, foram trabalhados tabelas e nomes próprios baseados na história de “Tarzan”, foi pedido a Gabriel que clicasse no comando “inserir” na barra de ferramentas do programa editor de textos.

- Onde fica Inserir?

- Você tem que ler! Inserir, começa com que letra? I-serir, escute: I-serir. (sic)

- Inserir começa com I de igreja?

- Sim, começa com I de Igreja.

- Então é este aqui (e clica em inserir)

- Agora você precisa procurar aí a palavra Tabela.

- Tabela? Com T de *Twitter*? (sorri e clica em tabela).

Gabriel sente-se motivado com as assimilações das letras com termos da informática, termos que para ele são próximos e usuais. Mesmo não sabendo ler, em casa Gabriel acessa redes sociais com *logins* e senhas demonstrando ter o domínio da linguagem da interface de sites considerados complexos. Esta aproximação de termos conhecidos por ele com as letras do alfabeto e com a tentativa de construção de sílabas torna a alfabetização significativa para o educando.

Ao final desta pesquisa interventiva Gabriel apresentava estar no nível silábico-alfabético de escrita, foram notadas melhorias significativas em sua coordenação motora, demonstrando o grande potencial dos recursos tecnológicos digitais na sua alfabetização.

A observação do cotidiano escolar no qual o aluno/aluna esteja inserido é vital para que o professor consiga se aproximar das realidades que circundam cada integrante do espaço, sala de aula.

Percebe-se que professores, mesmo que *imigrantes digitais*, devem preparar-se para lidar e alfabetizar alunos nativos digitais. Seu papel de transmissor de saberes já não existe mais e precisa ser substituído pelo papel de parceiro, mediador com o domínio das ferramentas tecnológicas da atualidade, utilizando-as como facilitadoras e aliadas do

trabalho pedagógico.

Dessa forma, os professores alfabetizadores da Educação Básica necessitam repensar suas práticas docentes refletindo sobre a construção social da sociedade digital e sobre as características dos discentes, que já não são as mesmas que as do século XX, para que suas práticas alfabetizadoras considere o conhecimento de mundo dos nativos digitais na aquisição da escrita.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **A Pesquisa em Educação no/do/com o Cotidiano das Escolas**. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Orgs.). *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii, 2008. p. 23-34.

_____. **Pesquisa com o cotidiano**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.

FERREIRO, Emília. **Cultura Escrita e educação**: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa María Torres. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. In: MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Mudar a forma de ensinar e de aprender*. 16 ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em:

<<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20?%20Part1.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2017.

[1] O sentido da junção das palavras ignora a dicotomia dos termos. A intenção é entender o enredamento proposto nessas ações educativas.